

As Cidades Em-Cantadas

José Colaço Barreiros

OS POETAS EM EXÍLIO. I.

Bottosa

O rio passa lá em baixo, preguiçoso que parece um pântano, aos pés da florida colina, a única no meio de vasta planura, como um salgueiro frondoso crescido em abundante pomar.

Na colina fica Bottosa, onde as paredes das casas se confundem com as trepadeiras e avencas, as portas e janelas estão apinhadas com vasos de cravos begónias sardinheiras hortênsias brincos-de-princesa margaridas, nos passeios há longas correntezas ou de canteiros ou de mais vasos, e as íngremes calçadas são como ramadas viçosas de todas as flores. Nesta cidade não se caminha assente na terra: trepamos pelos troncos, feitos de pedra calcetada, de uma estranha árvore de folhagem nunca igual, pairando como os aromas que a cada passo se misturam e combinam num perfume que deixa a cidade em festiva embriaguez. E toda a gente corre para cima e para baixo pelas ruas estreitas, passa fervilhando como carreiros de formigas pelos ramos do salgueiro que é Bottosa.

Porque ao ser continuamente regado o seu solo, em Bottosa qualquer rebentinho cria facilmente raízes. Assim, o povo da cidade crê numa antiga lenda: quem nesta azáfama se detém um momento que seja, transforma-se em estátua de bronze. Aqui, junto à câmara as mulheres ficam a conversar na fonte enquanto esperam que um metálico fio de água venha encher-lhes os cântaros; além, sentada nos compridos degraus em anfiteatro da praça do centro, a mãe vigilante deita a mão ao filho recomendando-lhe cuidado nas brincadeiras, ou o atento leitor do jornal, ou simplesmente quem se sentou para repousar de cansativas andanças. Detidos naquele gesto interrompido pelo suspenso instante que se eterniza.

É por isso que Bottosa teme a paragem, desconhece a imobilidade: as pessoas

cruzam-se caminham e voltam a cruzar-se num movimento perene, trepam ao castelo da copa onde é mais largo o horizonte, descem abruptas ladeiras, tornam a subir e a descer, circundando laranjeiras e canteiros de rosas e cravos, abrigando-se ao fresco das heras num constante bulício que as mantém em vida.

Em Bottosa, só o Poeta se rebela e rejeita o risco da metamorfose vegetal: a sua vida não tem de se submeter a tal coacção, quer ser ele mesmo a decidir dos seus passos e acções. Contudo, só o consegue à custa do sossego dos sentimentos; espírito em procela, se imola a sua inquietação em benefício de alguma serenidade, logo a ternura do seu olhar se torna também sôfrega e raivosa ânsia, debatendo-se num remorso que nunca perde a sua inocência.

E igualmente constrangido pela maldição, em permanente correria o poeta de Bottosa, o poeta da turbulenta sensualidade, do corpo errante e febril, vagueia sem trégua até cair atropelado numa rua estrangeira do outro lado do mundo.

OS POETAS EM RETIRO. II.

Pascoália

Em Pascoália há outra Pascoália do avesso, outra cidade que se move que pulsa que vive por baixo da cidade a direito.

O rio que atravessa Pascoália à saída tem um grande açude: a torrente que desce impetuosa da montanha ao chegar à cidade tem de fazer bicha e esperar com impaciência a sua vez de transpor a represa. Assim, no lago que forma entretém-se a mostrar a cidade de baixo: de cores um pouco mais esbatidas em dia de sol, idênticas ou quiçá mais vivas quando o tempo está enevoadado.

É uma cidade em tudo igual à primeira, à da terra, que só parece ser a real porque é desta que se tem acesso à que se vê nas águas: na cidade de baixo o granito das suas casas é de água mas igualmente granito, e os seus ruídos são os próprios das cidades que se fazem ouvir, já ninguém consegue distinguir qual vem de uma cidade e qual vem da outra.

Da margem vêem-se as árvores no parque em tarde de inverno já sem folhas e que mostram as raízes à flor das águas, iguaizinhas e simétricas aos seus ramos descarnados que se vêem em terra; os carros as bicicletas passam em difícil equilíbrio aderentes ao tecto que é o asfalto das estradas, e as pessoas entram e saem de pernas para o ar pelas portas no alto das suas casas ou marcham pelos dois lados da ponte cujos arcos fazem um círculo perfeito; os cães correm pelas ruas como se fossem macacos mal pousando as patas no plano que têm por cima e correm seguros que nem moscas em tecto de estuque.

E os carros bicicletas pessoas casas e cães da cidade de baixo são também, como as árvores, as raízes dos carros bicicletas pessoas casas e cães que povoam a cidade que se eleva sobre eles.

Confundem-se tanto as duas Pascoálias que ninguém sabe dizer dos seus habitantes quais são os que veneram os severos santos verdadeiros, os de pedra que enchem os altares e os nichos das igrejas, e os que adoram os santos do avesso que são os pícaros diabos de madeira negra tishados das chamas do inferno que também noutros tempos já tiveram o seu lugar no templo e saíam em procissão em tudo similar às que a Madre Igreja determina, assim como ninguém sabe a qual das cidades pertencem os deuses demoníacos que o poeta de Pascoália situa na celeste beatitude ou os santos que padecem tormentos infernais.

OS POETAS EM EXÍLIO. II.

Mutamídia

Mutamídia é uma ilha branca no meio de imenso mar parado que o sol faz crescer.

À sua volta, como gigantesca manta de que não se vêem as pontas, a calma cor toda igual estende-se até onde podem abarcar os olhos, mas na primavera de vez em quando naquele silêncio verde aqui e ali rugem as papoilas, enquanto o vento, com o carinho de quem afaga o dorso de algum ser muito querido, cria nesse mar um arrepio de prazer fazendo uma onda que atravessa todo o horizonte até aos pés da muralha de Mutamídia, enxuto porto aonde chegam caravanas de cavaleiros afogueados e sequiosos. E ali naquela praia impérvia se desfaz a onda, numa promessa de espuma que só muito depois o rodar das mós por entre gemidos de rabugem levantará em nuvem de carnosos poeira.

Mutamídia é uma fortaleza no meio de um deserto: o verde profundo do mar ganha a cor da areia quando chega o verão e se enchem as espigas que nem ventres pejados de grãos. E o vento com a mesma ternura repete a carícia, e as quietas camadas ondulam marulhando como se levantam as areias nas dunas ao toque do siroco. E ao chegarem os caravaneiros, maravilhados juram pela palavra do Profeta que esta terra não é o frio setentrião ouvido das bocas de outros viajantes, esta terra não lhes é estranha, embora de alheia tenha em vez da mais penosa aridez a generosidade abençoada com que oferta o pão.

Do alto do minarete o rei-poeta de Mutamídia contempla meditativo este mar de secura enquanto vê, bem longe do alcance das flechas das sentinelas, correrem para trás e para diante e afundando-se paulatinamente naquelas águas de miragem

à medida que se afastam, os bandos de salteadores: hoje foragidos ao nó da força para que foram fadados, mas que de roubo em roubo ainda virão, dominadores, a ser donos e senhores de todo este chão e do que em cima ou por baixo dele houver. E o poeta-rei observa também como se vão sucedendo as várias fases do ciclo da transformação da terra em mar e do mar em deserto; compreende que o contínuo mudar é a natureza das sortes, da terra e dos homens, e que por isso o amigo fraterno poderá ser no porvir seu inimigo, tal como o senhor poderoso, vivendo agora na opulência e na despreocupação, um dia acabará como desgraçado cativo sofrendo martírios num cárcere para lá de outro mar, noutra deserto longínquo... E só a certeza de que não existem situações eternas o faz suportar o seu próprio futuro.